

[illegible]

1

ORELHA

MARCELO MOURÃO: ENTRE O VOO DA FLECHA E A MÁQUINA MUNDI

Ter em mãos uma versão impressa deste *Máquina Mundi* já é um mote para desconfiarmos do autor, pois, desde que **Marcelo Mourão** lançou seu *O Diário do Camaleão*, somos provocados com o benefício da dúvida, seja sobre o sistema em que vivemos, sobre a sociedade multifacetada em que estamos inexoravelmente inseridos, seja sobre a metalinguagem da literatura em si, em seus meandros marginais, acadêmicos e midiáticos. E essa desconfiança aumenta na dimensão em que somos instigados a questionar a própria realidade também, já que nesta nova reunião de poemas, encontramos vários autores que assinam a mesma obra. Sim, vários.

Logo de início temos alguém que nos convida criticamente a nos darmos conta do quanto estamos impregnados desse novo mundo digital, em como nossa idade-mídia nos converte em seres virtualmente hiperconectados, ao tempo que nos distanciamos presencialmente uns dos outros. Sim, o autor desconfia dessa vida cibernética. E nos contagia, questionando o *status quo* vigente.

Há um outro literato que se move entre os poemas, um outro Marcelo, em sua faceta de professor que, em seu viés acadêmico, nos remete aos filósofos antigos mas também às inquietações dos pensadores contemporâneos, que nos apontam essa modernidade líquida em que estamos submersos, chegando mesmo, insólito, a realizar uma prova inesperada, em que nós, alunos-leitores, teremos que assinalar a questão correta sobre o lugar na atualidade para valores como o amor, a amizade e as relações, em nossa apressada pós-modernidade. Acho que errei a maioria...

Afirmo que deve-se desconfiar deste livro, pois encontramos aí também essa voz autoral acostumada com a oralidade da poesia, do verbo feito poema, do bem dito verso, extrato dos inúmeros saraus

em que o poeta sempre participou e continua soltando o verbo. São poemas de vocábulos, que podem ser lidos em voz alta, melhor ainda se ditos a plenos pulmões nos microfones e tertúlias da vida.

Nesse jogo de simulacros, o autor maquina algumas simulações entremeadas de neologismos – *amorderno, sentimenso, desconstrução, tudenada* etc. –, usando, eventualmente, de estrangeirismos, abusando de linguajares, ressignificando gírias, apropriando-se da fala cotidiana, explorando a visualidade da escrita e dilatando os contornos de seu material de trabalho, nossa sempre inculta e bela flor do Lácio.

Desconfiar é preciso, pois, se procurar bem nas entrelinhas, acha-se ainda um escritor que chega para nos contar de suas afetividades, de suas amorosidades, e mais: confia-nos, em sussurros, um caso tórrido com essa esquiva senhorita, a própria poesia. Falamos aqui de alguém que faz, da escritura dos versos, tema e musa ao mesmo tempo.

Não se pode deixar de notar também um fabulador de pequenas narrativas, que se infiltra aqui e ali, que nos brinda com breves historietas. Trata-se da faceta de bom conversador, de quem sabe que jogar conversa fora também é uma arte. Vemos esse autor conversando com seus pares, os amigos da cena literária carioca, fluminense, brasileira. E que conversa também com os fundadores de sua estética pessoal, esse caudal de referências e nomes, seus fantasmas prediletos.

Por isso tudo que desconfio que *Máquina Mundi* não se trata de um livro, mas de uma versão gráfica de uma roda de conversa, um sarau impresso, um diálogo de muitas vozes e caligrafias, em que os vários autores-personagens nos ensinam que, nessa leitura, “o melhor da flecha é seu voo / e não a chegada ao alvo”, e assim, assinam todos o mesmo autógrafa: Marcelo Mourão.

Tchello d’Barros
Artista Multimídia

Máquina Mundi

Marcelo Mourão



Rio de Janeiro
2016

Máquina Mundi

©2016 by Marcelo Mourão



Av. Mal Henrique Lott, 270/1111

Rio de Janeiro/RJ - 22631-370

www.oficinaeditores.com.br

oficinaeditores@oficinaeditores.com.br

Capa: Tchello d'Barros

Quarta-capa: Natália Tinoco

Produção visual: o autor/artes-final: Sérgio Gerônimo

Revisão: o autor e Thayssa Martins

Acabamento: Reproarte - Letras&Traço Gráfica e Editora Ltda

Conselho Editorial

Adriana Bandeira

Ana Coelho

Glenda Maier

Juju Campbell

Márcia Leite

Mozart Carvalho

Editor-chefe: Sérgio Gerônimo

Impresso no Brasil

M929m Mourão, Marcelo

Máquina Mundi / Marcelo Mourão : OFICINA Editores,
2016.

138p. ; 21cm

ISBN 978-85-8051-078-2

1. Literatura brasileira - Poesia. I. Título. II. Marcelo Mourão.

CDD-869.1

Máquina Mundi

Marcelo Mourão

Dedicatória

Dedico este livro à minha mãe, Mariléa Ribeiro Vieira, que me apoiou de todas as formas possíveis neste e em todos os projetos da minha vida.

Agradecimentos

Quero agradecer, carinhosamente, a Leila Míccolis, José Henrique Calazans, Tchello d'Barros e a todos os outros amigos que escreveram sobre o meu trabalho.

Também sou muito grato ao apoio da Oficina Editores, representado nas figuras de Sérgio Gerônimo e de Mozart Carvalho.

PREFÁCIO 1: UM CLÁSSICO PÓS-MODERNO

Ao ler Marcelo Mourão, percebi desde o primeiro poema que seus textos se destacavam pela temática, pelos *insights* criativos, pelo estilo inquieto, irrequieto, questionador, ora ferinamente irônico, ora raivoso, como se quisesse acordar as pessoas do marasmo e do automatismo a que elas comodamente se submetem. Conhecendo-o depois, um pouco mais, tive a gratíssima satisfação de encontrar no autor alguém que ama poesia, que lê poesia, que estuda poesia, que pesquisa poesia, que respira poesia quase o tempo todo; alguém que coloca a poesia em primeiro lugar em sua vida e que escreve por prazer, ao mesmo tempo cômico da força do fazer poético na transformação de mentalidades. Acho que daí advém o diferencial que faz com que Mourão visivelmente se evidencie.

Máquina mundi surpreende: a gente lê, relê e, sempre que volta à leitura, descobre algo diferente e novo. Nesse sentido, é um texto poético que cabe perfeitamente na definição do escritor Ítalo Calvino do que seja uma obra clássica: “toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira”; um clássico é aquele que “provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe”; “um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Portanto, estamos diante de um clássico. De um clássico pós-moderno.

Não é absurda a afirmação acima. O pós-moderno, com sua proliferação de perplexidades e contradições, é plenamente capaz de gerar seus clássicos (James Joyce, García Márquez, Borges, Ray Bradbury

que o digam...). Como o próprio título já sugere, Marcelo Mourão transita entre a antiguidade e a contemporaneidade: subjaz, nesse trajeto, o conceito do *theatrum mundi* que equiparava a sociedade ao teatro e a ação cotidiana a uma espécie de atuação. Com o correr dos séculos, mais modernamente, grandes nomes da literatura vivenciaram essa atitude de encenar a vida, entre eles: Oscar Wilde, Huysmans, Mallarmé, Baudelaire, Verlaine, Cruz e Souza, Emiliano Perneta, Gonzaga Duque, Augusto dos Anjos, António Botto, Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, cuja “cena viva” é constituída de dramaticidade e interpretação, por intermédio do uso de diversas máscaras (seus heterônimos) e da estética do fingimento – paradoxalmente, no dizer do próprio Pessoa, um “fingimento sincero”. Mourão transporta essa atitude de teatralização, antes “sincera”, para um agora sem reflexão, cuja espetacularização exibicionista da vida globaliza pensamentos, liquefaz sentimentos e emoções, considerando-os bens de consumo descartáveis.

Vivemos em uma sociedade que, em vez de entender a mecânica do mundo, cria um mundo mecânico, maquinal, automatizado, veloz, vazio, desarmônico, incongruente, inconsequente. A pluralidade de falas e de estéticas se opõe à massificação cultural, apresentando diversos modos de pensar, embora essa profusão de caminhos possa acarretar certa confusão em quem se depara com tantos deles. Tal não acontece em *Máquina mundi*, cuja variedade estilística não embaça a principal preocupação do autor, não mais voltada para a questão filosófica da imitação da arte com relação à vida real (como em Platão), mas direcionada a uma falsa realidade, maquinada e maquiada pela indústria de simulacros, que molda até nossos desejos mais íntimos e faz com que o ser se reduza ao ter, atrelado ao consumismo e ao individualismo exacerbados. Inclusive, a “Parábola

da evolução humana”, que inicia o livro, é um poema visual que saborosamente critica a *internet* enquanto fábrica de realidades ficcionais e ilusórias, sugando a vida real para a telinha. “E assim caminha a humanidade, acompanhada e só” – escreve o autor.

Pessoalmente, como meu estilo poético é minimalista, identifico-me mais com os textos curtos que, para além da habilidade técnica, lidam com a dificuldade de resumir, com precisão e em poucas palavras, nossa fragmentada e caótica atualidade. Porém não tenho como apontar meus poemas preferidos: acabaria nomeando quase todos, até porque aplaudo em Mourão a escolha dele de não se contentar com uma única direção e se aventurar por várias. Essas multiplicidades e heterogeneidades de trilhas criam um estilo próprio, alternando tons e compassos, modulando matizes, e enriquecendo o conjunto de sua obra.

Volto a Ítalo Calvino: “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo as marcas de leitura que precederam a nossa, e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”. Então, bem-vindo a este clássico pós-moderno, poesia feita para quem se interessa por repensar o mundo de hoje e aprofundar-se em seus contrastes, contrassensos, extremos, levezas, fossos, escarpas, vegetações, absurdos, alturas e abismos.

Leila Míccolis

Escritora de livros, televisão, teatro e cinema, com Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Letras/Teoria Literária (UFRJ)

PREFÁCIO 2: DESCONSTRUINDO AS ENGRENAGENS DO MUNDO

São muitas as qualidades que podem tornar uma obra marcante. Uma delas é saber captar o espírito de seu tempo e traduzir em arte as angústias de uma geração. No livro *Máquina mundi*, Marcelo Mourão alcança esse feito com rara precisão, sem deixar de lado o humor, a doçura e a beleza características de sua poesia.

Ao longo de cinco capítulos, *Máquina mundi* faz um mergulho profundo nas inquietações do mundo moderno. Explora nossa problemática relação com tecnologias que se transformam em velocidades inimagináveis; investiga as manifestações de amor ainda possíveis num mundo cada vez mais impessoal; depois, volta o olhar para o fazer poético, para nossos conflitos internos e, por fim, se pergunta sobre os segredos que se ocultam além do mundo sensível e o sentido último de nossa existência.

Os poemas do primeiro capítulo, “A máquina do mundo ou O mundo da máquina”, escancaram as contradições de uma sociedade em que o conhecimento nunca esteve tão acessível e, ao mesmo tempo, tão disperso num emaranhado de desinformações: “A velocidade das notícias/ em blogs e outros sites, / nem se compara/ à velocidade da má vontade/ em, pelo menos, checar/ suas veracidades.” (“Roda-viva”). Explora também os paradoxos de viver em uma época que encurtou distâncias, mas esfriou relações, como nos mostra o poema “No reino da Pós-Modernidade”: “Na net, com o planeta me conecto:/ vejo a Terra passar em minha tela. / Tudo tão perto quando abro janelas. / Na-

vego sentado, passivo e quieto/ (e a solidão continua um espectro)." Tentamos, então, preencher esse vazio através de uma busca incessante de confortos e facilidades, porém acabamos esgotando tanto as nossas energias quanto as do planeta que nos abriga: "O ser engano ergueu o seu reinado. / inventou a guerra, sujou mares e serras, / prostituiu todos os seus bens sagrados." ("A sagumana no solo de Gaia"). Mas, longe de ser um obscurantista, o poeta enxerga possibilidades de redenção, através de um olhar mais sensível sobre aquilo que nos cerca: "Mesmo que o mundo todo desabe/ e não sobre pedra sobre pedra, / olhe suas mãos, o chão que ficou/ e a vida ainda viva além da janela." ("O fio de Ariadne").

Em "As engrenagens de Eros", o autor critica a banalização dos afetos, perguntando se aquilo que muitos julgam amor não seria apenas "fundamentalismo emocional/ ou emoções sem fundamento?" ("Amor líquido"). E ressalta a importância de vivê-lo mais profundamente, como vemos no poema "Primeiro amor": "Na alma, com uma letra eterna, / eu escrevi o nome dela/ com o leve do azul do céu". Contudo, o poeta não se limita a discorrer apenas sobre o aspecto romântico desse sentimento; Marcelo o explora em suas diversas facetas, como a amizade ("Eu não quero ter um milhão de amigos à minha volta/ (...)/ Quero apenas um, aquele que possa abrir suas portas" – do poema "Só o que importa"), os laços familiares ("Quando os pais e os avós/ vão aos poucos morrendo, / é como um prédio antigo/ perdendo os pavimentos". – em "Desconstrução") e até mesmo o amor próprio ("amo o que sou/ porque/ sou o que amo." – do poema "Identidade").

Já "Os mecanismos poéticos" é um capítulo eminentemente metalinguístico. Nele, o autor se pergunta qual o lugar da poesia num mundo em que muitos "só enxergam brilho/ no que tem preço e código de barras"

(poema “tudenada”), ao mesmo tempo em que declara a sua paixão pelas artes poéticas, como nos versos de “Confissão de *affair*”: “Adianta renegar a poesia/ se é nela que eu penso/ noite e dia?” Mas, como toda relação, essa também tem seus altos e baixos; pois a poesia, amante caprichosa, é capaz de abandonar seus admiradores nas horas mais insuspeitadas: “Hoje a palavra/ não corre/ nem cansa/ talvez algum garrote/ pôs minha voz na tranca” (“Náufrago”). Contudo, por mais cruéis que possam ser esses momentos de silêncio, Marcelo mostra-se ciente de que ser “poeta, sim, do início ao fim!” (“Sina que assino”), muito mais do que uma simples escolha, é predestinação.

O diálogo com outros poetas é uma tônica do livro como um todo. Há referências a Drummond, Le-
minski, Manoel de Barros, e vários outros. Sob múltiplas influências, é natural que a poesia de Marcelo Mourão seja bastante diversificada. *Máquina mundi* nos deleita tanto com formas fixas tradicionais, como sonetos, trovas e haicais, quanto com inovações da poesia contemporânea, como poemas visuais. O autor demonstra a mesma habilidade ao lidar com as rimas ou com versos brancos. E, se nos impressiona pelo uso de uma vasta gama de recursos expressivos, como neologismos, alitera-
ções e paronomásias, em nenhum momento permite que sua apurada técnica se transforme em inócuo exibicionismo. Vale destacar também o equilíbrio alcançado entre erudição e elementos típicos da linguagem popular, sejam eles o chiste, a gíria e até mesmo a escatologia: “tampouco juro como Hipócrates/ e jamais escrevi igual a Rousseau. / A pomba do meu pentecostes/ na minha cabeça sempre cagou” (“Herói de vitrine”).

Em “Os engenhos de dentro”, o autor retrata nossa eterna busca por autoconhecimento e a necessidade intrínseca de construir uma imagem minimamente coesa de nós mesmos, face a uma realidade tão

fragmentada: "Vasculho os cantos deste meu mundo oculto. / Sonho, enfim, encontrar as partes perdidas:/ peças partidas num vasto quarto escuro." ("Egotrip"). E, diante de tarefa tão complexa, a tensão entre aquilo que carregamos de nosso passado - "lembrança que me persegue/ lembrança perfura, sangra, fere" ("A lâmina do machado") - e a urgência de constante reinvenção - "Hoje só olho em frente/ e esqueço o retrovisor." ("Implosão") - gera violentos embates, como nos mostra o poema "Marcha marcada": "Todo dia, alguma coisa se parte,/ se quebra, se desfaz, de mim se aparta."

O capítulo final, "A máquina de interrogações", gira em torno das grandes questões que sempre intrigaram a Humanidade. No poema "Pedra filosofal", o poeta se pergunta até que ponto somos capazes de conhecer verdadeiramente algo, pois "Tudo é múltiplo/ enquanto existe. / Verdades são várias:/ vista a que lhe sirva.". Ante esse dilema, talvez nossa única certeza seja a de que "Nada escapa da fome do deus de nome morte" ("A força da foice"). Se, por um lado, tal constatação pode ser aterradora, por outro, a consciência da nossa finitude pode nos levar a uma atitude mais desprendida em relação à nossa existência, nos fazendo perceber que "O melhor da flecha é seu voo/ e não a chegada ao alvo." ("A chama da vela").

Perante indagações tão profundas, não é de surpreender que, em muitos momentos, *Máquina mundi* recorra a conceitos filosóficos. Podemos citar, por exemplo, "Caverna pós-moderna", com sua releitura da alegoria da caverna ("Agora, imagina, Glauco, os homens em moradas muito belas/ - numa época vista e tida como, de todas, a mais "moderna" - bem diferentes de como as nossas velhas residências eram."), "Moto-contínuo", que contesta o *devenir* de Heráclito ("Serão mesmo desiguais/ as águas de um rio?"), ou "O olho de ferro", que liga o panóptico de Foucault ao *Big Brother*

de Orwell (“Feito um farol, porém desprovido de lume e soturno,/ segue o olho da máquina sem piscar nem um segundo.”). Essas alusões, contudo, não tornam este livro uma obra hermética, nem fazem com que o autor caia nas armadilhas do didatismo, pois Marcelo mostra-se fiel ao princípio de que o dever de todo artista é, antes de mais nada, emocionar seu público.

Máquina mundi é, sem dúvida, um dos melhores livros de poesia lançados nos últimos anos, e mostra que Marcelo Mourão tem tudo para se firmar como um dos poetas mais importantes da atualidade.

José Henrique Calazans

Escritor, ator e diretor



“Vês aqui a grande máquina do mundo,
etérea e elemental, que fabricada
assim foi do Saber alto e profundo,
que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
globo, e sua superfície tão limada,
é Deus: mas o que é Deus ninguém o entende,
que a tanto o engenho humano não se estende.”

(Luís Vaz de Camões em *Os lusíadas*, Canto X, estrofe 80)

“Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade.”

(Charles Chaplin no discurso final de *O grande ditador*)

“Estamos num universo em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido.”

(Jean Baudrillard em *Simulacros e Simulação*)

“Todas as pessoas solitárias
de que lugar todas elas vêm?
Todas as pessoas solitárias
a que lugar todas elas pertencem?”

(The Beatles em *Eleanor Rigby*)

A máquina do mundo ou O mundo da máquina

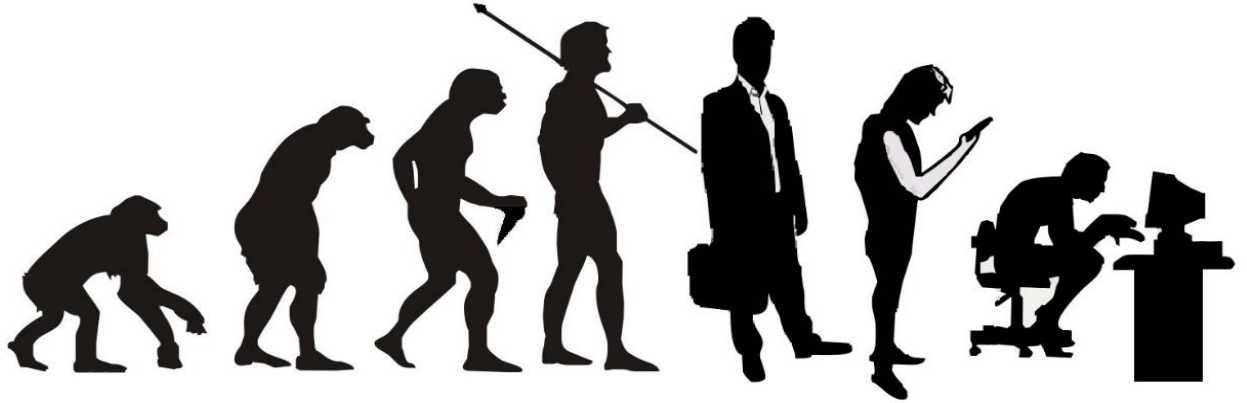
“Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
de vos ouvir demasiadamente de perto, e arde-me a cabeça
de vos querer cantar com um excesso de expressão de todas
as minhas sensações, com um excesso contemporâneo de vós,
ó máquinas!”

(Álvaro de Campos, heterônimo
de Fernando Pessoa, em *Ode Triunfal*)

“A vida é uma história contada por um idiota,
cheia de som e fúria, sem sentido algum”.

(Macbeth, cena V, ato V da peça *Macbeth*
de William Shakespeare)

Parábola da evolução humana



CAVERNA PÓS-MODERNA

Agora, imagina, Glauco, os homens em moradas muito belas — numa época vista e tida como, de todas, a mais “moderna” — bem diferentes de como as nossas velhas residências eram. Imagina esses homens, no interior desses seus lindos lares, soltos, mas cercados por muros e grades por todos os lados, saindo só quando podem, devem ou não estão acuados.

Imagina-os todos prisioneiros muito mais em si mesmos do que nessa cela que eles costumam chamar de abrigo ou casa. Veja-os calados, com olhos vidrados em elétricas telas, cativos em suas mentes, sem correntes nas mãos e nas pernas. Eles pouco conversam, se olham, se ouvem ou até se percebem: não há mais tempo nem mesmo para aquilo que lhes interessa.

Nessas mesmas telas, só sombras, sobras, fragmentos da vida, e não a gigante e real dimensão que é estar vivo nela. Pedacos de gente, de sonhos, de planos, de vozes, de ideias pululam e mesclam-se; como fantasmas errantes se alternam à procura de atenção, numa fila de espera, e vociferam, nessa bacanal — ou baile de máscaras — onde tudo é festa.

Imagina, Glauco, esses homens com essas telas a sós falando, por todos os dias de todos os meses de todos os anos, procurando por ver a si mesmos e também os outros homens, mas as janelas elétricas, que nada escondem, nem respondem, ligadas, são luzes que não iluminam o que há defronte a elas, desligadas, são espelhos mostrando uma cara cheia de fomes.

O OLHO DE FERRO

para Michel Foucault e George Orwell

Feito um farol, porém desprovido de lume e soturno,
segue o olho da máquina sem piscar nem um segundo.
O olho me olha e olha tudo mais à sua volta
sempre com um olhar de pergunta, nunca de resposta.

Feito um deus, que tudo escuta, tudo sabe e tudo vê,
segue o olho mecânico a nos enquadrar numa TV.
Esse mesmo olho oco, que escaneia corpos e rostos,
jamais irá hackear o que há na alma do seu oposto.

Feito um cão de guarda, ou um juiz furioso e sem dó,
segue o olho de ferro a vigiar tudo ao seu redor,
numa fome de fera que tudo decifra e devora.

E, assim, olhos espreitam, surgem, dão botes feito cobras.
E, assim, mil olhos vão se clonando e, quanto mais, melhor.
E assim caminha a humanidade: acompanhada e só.

MIRAGEM

O cantor “voltou” à vida na forma de um holograma.
Isso que os meus olhos veem o meu coração questiona,
já que imagem em 3D não pensa, não abraça, não ama.

SACO DE PANCADA

crivado
de imagens

baleado
por notícias

refém
de fatos
filmes & fotos

cercado
por trás
frente & lados

assim me refaço:
juntando meus cacos
pelo chão
espalhados

Marcelo Mourão

LADO B LADO A

para George Ribeiro Gonçalves
e Carmen dos Santos Gonçalves

Há que se separar bem
o que é joio daquilo que é trigo.
Nem tudo que cai na rede é peixe.
Nem só peixe sai de um único rio.

Tirando o que não teve valia,
achei meus parentes perdidos,
reencontrei amores e amigos
que há tempos eu não via.

A internet é tanto o canto do cisne
quanto o gorjeio da cotovia.

BLINDADOS

para Ruy Proença

Quem se lembra ainda daqueles tempos idos
em que havia poucos muros, grades e redes?
As paredes até podiam ter ouvidos,
mas os ouvidos não tinham tantas paredes.

Marcelo Mourão

INTERCOMUNICAÇÃO

**IMAGENS
LINGUAGEM
MENSAGEM
MENTIRAS?
VERDADES.**

REDE SOCIAL
STOP
:
POST

Marcelo Mourão

NO REINO DA PÓS-MODERNIDADE

"A internet é uma epidemia.
Estamos todos a uma tecla de distância."
(Victor Colonna)

para Marcus Vinicius Quiroga

Na net, com o planeta me conecto:
vejo a Terra passar em minha tela.
Tudo tão perto quando abro janelas.
Navego sentado, passivo e quieto
(e a solidão continua um espectro).

Nas ruas, as pessoas mal se olham,
vão com seus fones enfiados na orelha:
MP3, MP4, iPod ou outro som qualquer.
Nada de sorrisos, acenos, gentilezas
(e a solidão continua a ser o que é).

No mundo, manda a deusa cibernética,
com suas promessas de felicidade.
E nós, seus servos, afogados em mares
de CDs, DVDs, laptops e celulares
(e solidão é só uma das faces da Pós-modernidade).

RODA-VIVA

para Carlos Drummond de Andrade

A velocidade da luz
é mais veloz que
a velocidade do som
(veja o caso do trovão).

A velocidade do e-mail
é maior que
a velocidade da carta
(mas o carinho da mão
escrevendo no papel
a máquina não capta).

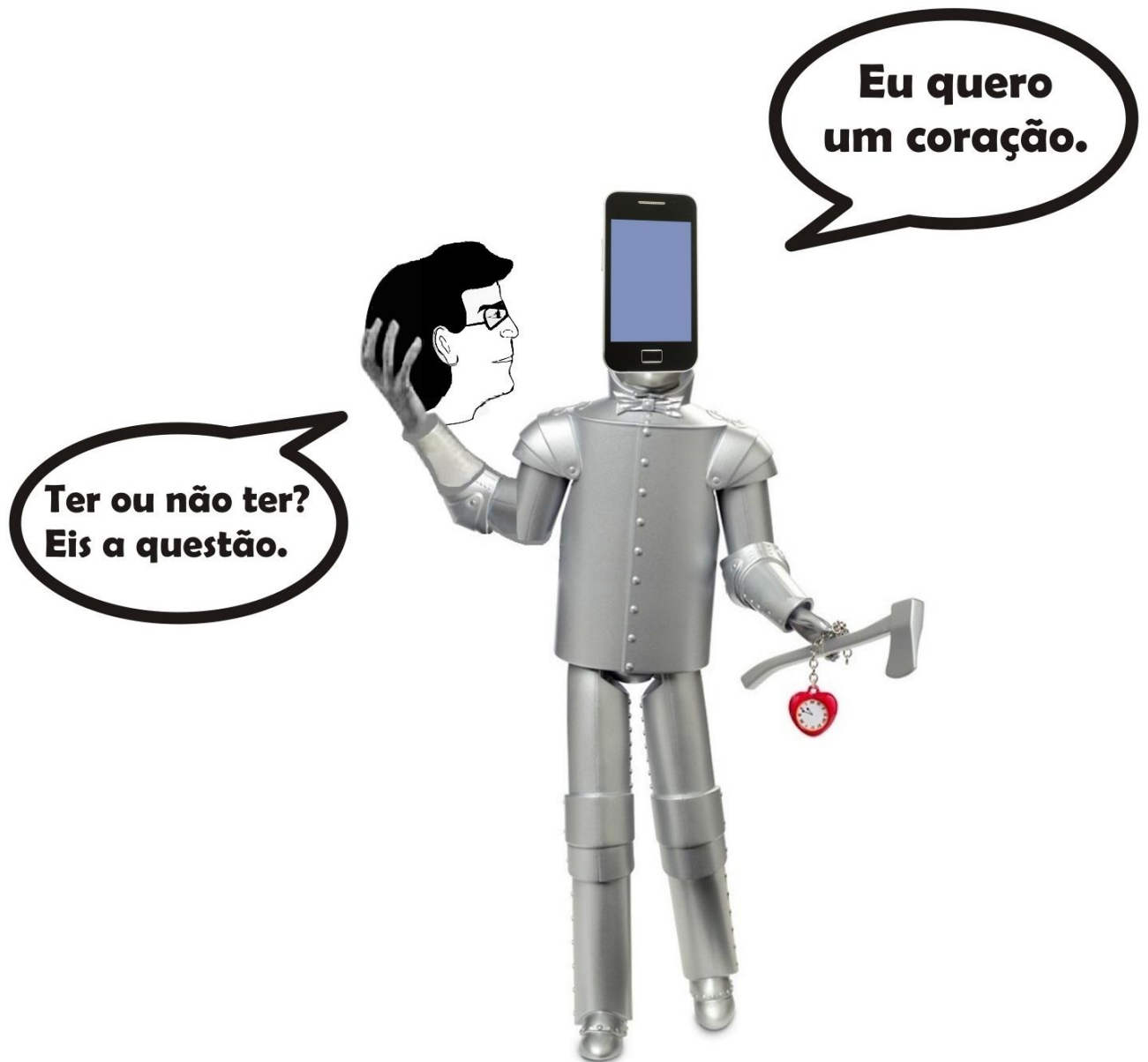
A velocidade das notícias,
em blogs e outros sites,
nem se compara
à velocidade da má vontade
em, pelo menos, checar
suas veracidades.

A velocidade do deletar
é mais rápida que
a velocidade da compreensão
(e isso você pode até testar!):
experimente não sorrir sempre,
revelar-se diferente
ou ter sua própria opinião.

As pessoas passam cheias de pressa:
pressas brancas pretas amarelas.
Para que tanta pressa, meu Deus,
pergunta meu coração. Porém
meus olhos não perguntam nada.

Meus olhos têm retinas fatigadas.

Oz por NÓS



ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Tudo tão deprê, tão *dark*
desde o Champs-Élysées
até o Central Park.
Tudo tão *off*, tão *fake*,
sem grana pro *botox*,
bota na cara um *pancake*,
e, se rolar sessão de fotos,
não tem grilo, é mole-mole,
tem a mãozinha do Photoshop.

Tudo tão *crazy*, tão *trash*.
Diploma é enfeite
de quem o consegue.
Tudo tão *lost*, tão *fuck off*.
Neguinho torce
pra arrumar um bico.
Serve até *boy* sem moto!
A crise tá mesmo foda,
qualquer merreca já desafoga.

Tudo tão *bad*, tão *shit*,
chovem pestes
sem ser as do Egito.
Tudo tão tosco, tão triste:
doença da vaca, do porco,
Aids, pandemias e gripes.
É a era do mato ou morro.
Não fujo pro mato nem pro morro,
só me resta é gritar: socorro!

Marcelo Mourão

Má-Fé
CREU?
CRÉU!

CERCO FECHADO

A igreja te põe culpa.
Os teus pais te põem culpa.
O mundo te preocupa.
A realidade crua
o governo te oculta.
E tu, tonto, às escuras,
nem sentes que seguras
as chaves dessas clausuras.

EIS A QUESTÃO

Dizem que o aborto
é uma aberração,
um homicídio.

A masturbação, então,
seria um genocídio?

CLAUSTRO

para Pedro Lyra

Ao escrever a palavra “casa”, saiu “caixa”.
Pensando bem, de fato, faz até sentido.
As casas de hoje parecem mesmo umas caixas:
servem para armazenar o povo oprimido.

TRAGICOMÉDIA

O mundo as pessoas a vida
parecem quase sempre
uma mixórdia totalmente ébria.
E eu, em geral, quase sempre,
deles todos só quero tirar férias,
assistir a tudo lá da plateia.

A SAGUMANA NO SOLO DE GAIA

O bichumano subiu no telhado.
Tem medo de cobra e ataque de rato,
da ave agourenta que pelo céu passa
e até de si mesmo: réu e comparsa,
vítimalgoz de sua própria desgraça.

O cegumano rasgou seus contratos.
Não enxerga leis, regras e cláusulas.
Fez sua fome não caber mais no prato.
Mescloou Deus e Darwin numa lógica crápula:
o paraíso é dos ricos de cada raça.

O ser engano ergueu o seu reinado.
Inventou a guerra, sujou mares e serras,
prostituiu todos os seus bens sagrados.
Seu destino é devorar pedras e pérolas,
sem notar a diferença que há entre elas.

O FIO DE ARIADNE

para Ivan Junqueira

Mesmo que a chuva destrua
a rua, o muro, a rede elétrica,
olhe a casa que a água não levou
e veja que você está dentro dela.

Mesmo que o sol não volte a
abrir o sorriso da primavera,
olhe no interior daquela flor
e veja que você está dentro dela.

Mesmo que a luz se dilua
e os cegos se espalhem pela Terra,
olhe a voz que ninguém apagou
e veja que você está dentro dela.

Mesmo que os dias não mudem
— mesmo filme na mesma tela —
olhe a criança que ficou na plateia
e veja que você está dentro dela.

Mesmo que o mundo todo desabe
e não sobre pedra sobre pedra,
olhe suas mãos, o chão que ficou
e a vida ainda viva além da janela.

As engrenagens de Eros

Enquanto isso, o Amor mandava
seus e-mails (sem vírus), a sua flor
noturna, seu mistério, a sua arte
de escandir as vogais, tanger os signos,
e esconder no cristal das consoantes
a iniciação da vida nova, o sal
do novo bê-á-bá, pronunciado
na mais pura ascensão da Poesia.

(Gilberto Mendonça Teles em *Nos últimos 20 anos*)

identidade

**amo o que sou
porque
sou o que amo.**

AMOR



AMOR LÍQUIDO

para Zygmunt Bauman

Tanto e-mail, post, depoimento,
entram e saem juras de amor,
amizade eterna e sentimentos.

Pra mim resta o questionamento:
fundamentalismo emocional
ou emoções sem fundamento?

AMORDERNO 1

**RELAÇÃO
RALAÇÃO**

AMORDERNO 2

**FICADA
FINCADA**

Vapt-vupt

as mina pira
os mano come

as mina pari
os mano some

POLIAMOR

- ou a novíssima quadrilha-

João transava com Raimundo que pegava Lili
que comia a Maria que dormia com Teresa
que dava pro Juca que amava um travesti
que amava seu cafetão que, com certeza,
amava só o dinheiro e mais ninguém.

Raimundo saiu pelo mundo sem rumo.

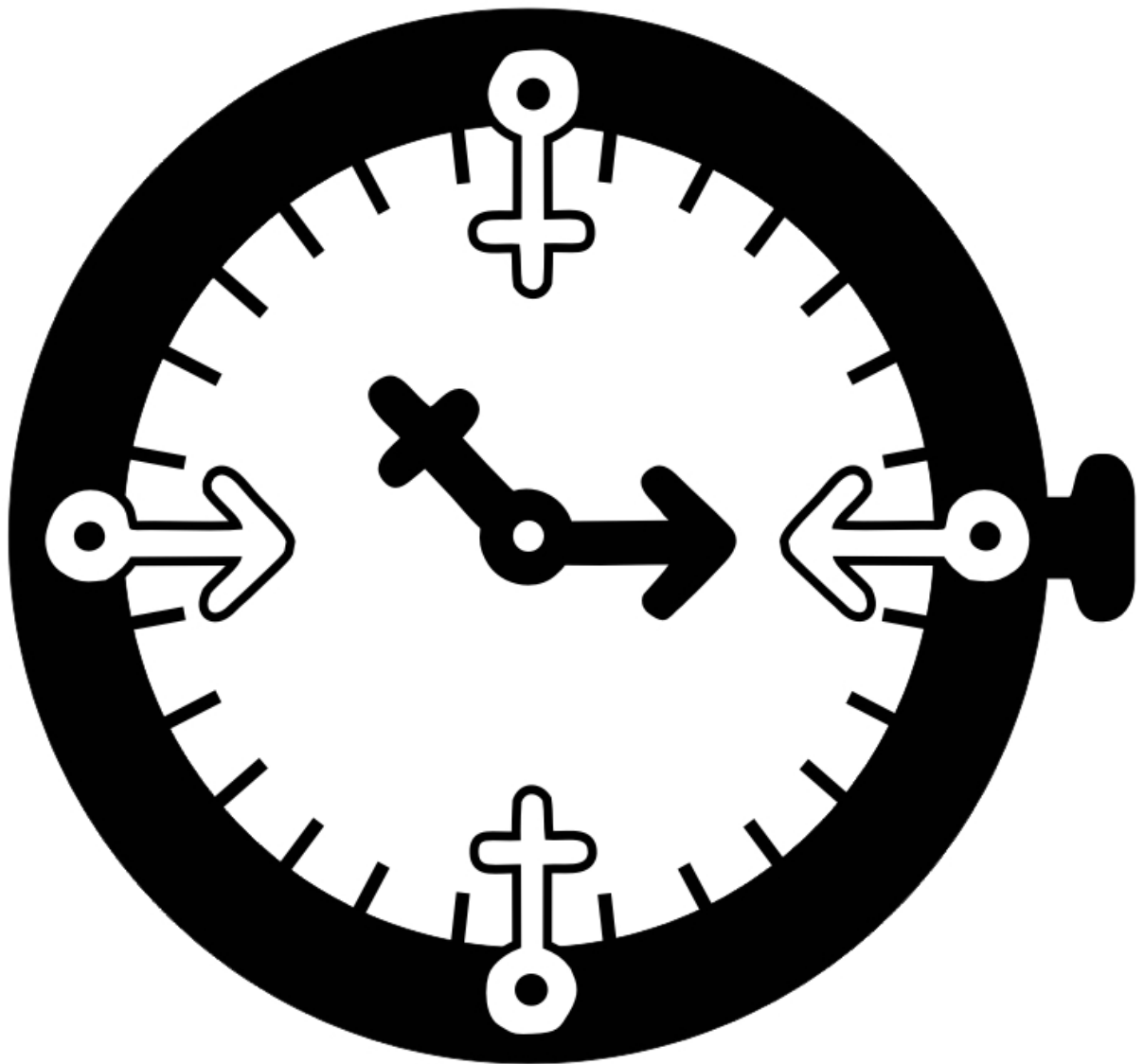
João vive com um ex-seminarista
(dizem que são felizes a perder de vista!)

Lili engravidou de um português.

Maria virou crente e jura que
se arrepende de tudo aquilo que fez

Teresa se casou com Juca que depois
a largou para ir morar com o tal travesti
(os dois, hoje, são sócios em uma boate gay!)
E o cafetão? Já é senador pela segunda vez.

BICLOCK



RELAÇÃO

Quando vira obrigação
bater o cartão,
sei não...

PRIMEIRO AMOR

para Lucinda Lago Miron
e Zé Limeira

Eu a conheci menino,
ainda bem pequenino,
primeiro amor, foi meu mel.
Na alma, com uma letra eterna,
eu escrevi o nome dela
com o leve do azul do céu.

À DERIVA

Faz 20 anos que não sei
mais o que é amar alguém.
E 10 que não me apaixono.
Será que o tempo-oceano,
que naufraga céus e sonhos,
foi me afogando também?

DESCOMPASSO

quem eu amo não me ama
quem eu amo não me quer
quem eu amo ama outro
quem eu amo não pôs fé.
a vida é a arte do desencontro,
encontrão e topada no pé?

FALTAFLITA

Estou com saudades
nem sei bem do quê.
Parte que se aparta
e a gente não vê.

CONVICÇÃO

Ninguém traz seu amor,
em 3 dias, de volta.
Amor de verdade
não sai por qualquer porta.

SENTIMENSO

O sol, ao longe, namora
a rosa que lhe quer bem.
A distância os dois não poda,
porque amar é ir além.

MEMORABILIA

para minha avó, Cenira

Minha avó sempre dizia
quando alguém morria:

“Descansou.”

E eu logo pensava: será?!

Nessa cama, não conheço um
que queira se deitar.

DESCONSTRUÇÃO

Quando os pais e os avós
vão aos poucos morrendo
é como um prédio antigo
perdendo os pavimentos.

Mas não é ele que cai:
sou eu
desmoronando
por dentro.

NÓS EM NÓS

Meus mortos me visitam.
E vivem na minha vida
e falam na minha fala,
caminham meu caminho,
ofertam sorrisos e
abrem seus braços vivos.

Meus mortos me habitam.
Dormem e comem comigo,
contam histórias antigas,
memórias da nossa família.
Mundo outro, tudo tão simples,
tempo bom em que foram felizes.

Mortos são os que
nunca criaram raízes.

SENTI SEM TI

O que os olhos não veem
o coração não sente?
Mas a saudade persiste
em perseguir a gente.

AGLUTINAÇÃO

ABRAÇO

AMIGO

ABRIGO

SIMULACROS

**amor e amizade
sem lealdade:
miragens**

SÓ O QUE IMPORTA

para Mariléa Ribeiro Vieira

Eu não quero ter um milhão de flores multicoloridas
num jardim de delícias repleto de luz, cor e som.
Quero simplesmente uma, a que abre a fechadura da vida,
trazendo a primavera de volta para as minhas mãos.

Eu não quero ter um milhão de amigos à minha volta
sorrindo e prometendo suas amizades eternas.
Quero apenas um, aquele que possa abrir suas portas
e que destrua muros, porões escuros e janelas.

Eu não quero um milhão de tios, primos, pais e irmãos
ligados a mim pelo sangue aguado e enfraquecido.
Quero somente os que querem estar comigo e estão
unidos pelo aço que há nos laços das nossas relações.

Eu não quero um milhão de moedas ou outras riquezas
que trazem tantos sorrisos, mas também o que não é bom.
Quero somente as sementes do sentimento mais puro
que move o moinho das horas não perdidas em vão.

Os mecanismos poéticos

"(...) clara aqui, uma gramática das máquinas, caixa de palavras cuja engenharia concreta fixe alguma sintaxe, ou outra, esta reclusa, oculta sob a tipografia física destes poemas rosqueados ora a esquadrias de ferro sujo, ora a chapas de aço inoxidável (...)"

(Alexandre Guarnieri em *Interruptor*)

CORDA BAMBA

No fino fio frágil das frases,
o poema não pende parado
nem cai para qualquer um dos lados:
leva Baco e Apolo nas asas.

Marcelo Mourão

SINA QUE ASSINO

Antes mesmo que eu tivesse nascido,
um anjo torto me disse ao ouvido:
“Vai, seu tolo, ser poeta na vida!
Vai, que carregar pedra é tua sina.”

Nasci e quis a estrela mais alta.
Se possível, a que brilhasse até de dia.
Só não via, como vê o astronauta,
que a mais alta é também a mais fria.

Cresci e quis ser para sempre feliz.
Do alto da torre, meu mundo era lindo.
O moinho moía os sonhos sorrindo
e eu, em plena *Belle Époque* de Paris.

O tempo passou, perdi meus sapatos,
os óculos chegaram: fim do feitiço.
Não vi mais a via de tijolos dourados;
agora, andava sobre cacos de vidro.

Até hoje cumpro fiel o meu destino,
queimei o castelo, rasguei a fantasia.
Agora, é só torta na cara e banho frio.
O anjo, de fato, acertou na profecia.

Sou poeta, sim, do início até o fim!

PARA SEMPRE

"Todo amor é eterno e, se acaba, não era amor."
(Nelson Rodrigues)

Era uma vez, um maluco
que cismou de namorar a poesia.
Procurava por ela a toda hora,
pensava nela à noite e ao dia.
De tão obcecado e insistente,
enfim, conseguiu o que queria:
não somente namorou e noivou,
mas casou-se com a bela senhorita.
Uns duvidavam de tão grande amor,
outros falavam que era só euforia,
paixão, fogo na palha, ilusão passageira.
Poucos viam futuro naquela parceria.
O tempo passou, o mundo mudou
e cada vez mais o casal se unia.
Um dia, a senhora da foice chegou
e levou o insano em sua companhia.
Os entes queridos, na dor, decidiram:
ela partindo, ficariam no mesmo jazigo.
Tal qual outros amantes perpétuos,
igual ao destino de Abelardo e Heloísa.
Lindo desejo, porém jamais cumprido:
o louco só pode levá-la na alma consigo,
pois amor real não morre, é estrela infinita.
A história termina, mas nada será escondido:
o doido sou eu; unido para sempre à poesia!

CONFISSÃO DE *AFFAIR*

para Olavo Bilac

Adianta renegar
a poesia,
se é nela que eu penso
noite e dia?

FICANTES

Poesia, poesia, minha amada, minha amiga,
depois de um dia todo repleto de cansaços,
vens me beijar e abraçar feito namoradinha.
Pena que não és só minha e já tens que partir.
Não posso reclamar, pois eu também sou galinha,
Só posso pedir: — Voltas, amanhã, à noitinha?

tudenada

A poesia é um inutensílio,
disseram Leminski e Manoel de Barros.
Mas, para os que só enxergam brilho
no que tem preço e código de barras,
o céu, a lua, uma pintura numa tela
são tudo uma mesmíssima merda.

NÁUFRAGO

para Ferreira Gullar

Hoje o verso
não conta
nem canta
é talvez certo
que seja seta
ou espinha presa
aqui na garganta

Hoje a palavra
não corre
nem cansa
talvez algum garrote
pôs minha voz na tranca
impedindo-a de vir cá fora
silenciada até segunda ordem

Hoje o poema
não almoça
nem janta
sequer fala de amor fê
ou qualquer outra esperança
Hoje o poeta só bebe
a secura de suas lembranças

O poema paira perdido no vento
às vezes morno às vezes forte
às vezes porto às vezes morte
às vezes renascido deste corte
Só que hoje meu silêncio é bote
e estou isolado no mar
levado pela própria sorte

VIVA A POESIA

A poesia morreu.
Uns creem, outros duvidam.
Mas, se isso de fato ocorreu,
ponho fé no que ela me dizia:
— Liga não, morro hoje,
mas ressuscito ao terceiro dia!

Os engenhos de dentro

“Sua visão se tornará clara somente quando você olhar para dentro do seu coração. Quem olha para fora sonha. Quem olha para dentro acorda.”

(Carl Jung em *O Eu e o Inconsciente*)

AVISO

**Ego
cego
Ergo
céus e
infernus**

NEM FREUD EXPLICA

Em matéria de doideira,
eu não perco pra ninguém.
Depois que fui ao psicólogo,
meu psicólogo precisou procurar
um psicólogo também.

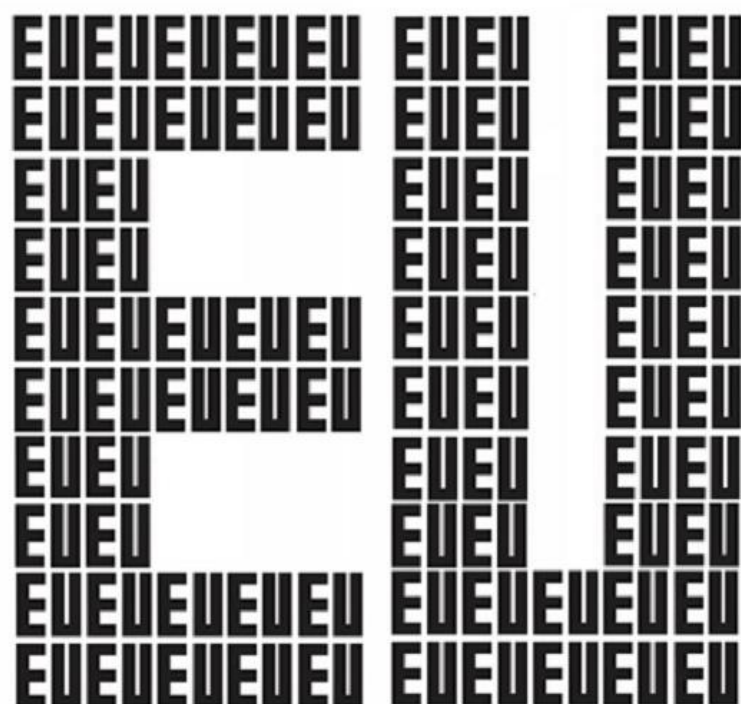
HERÓI DE VITRINE

Não penso como Aristóteles
nem teorizo como Michel Foucault
tampouco juro como Hipócrates
e jamais escrevi igual a Rousseau.
A pomba do meu pentecostes
na minha cabeça sempre cagou.

Nunca codifiquei feito Kardec
sequer perdi a cabeça tal qual Danton
não pinto como Toulouse Lautrec
nem me igualo a Diógenes, o bom.
Talvez eu seja um Guevara de pileque
me sentindo o deus da revolução!

SUM

para Augusto de Campos
e Tchello d'Barros



POEMINHA NARCÍSICO

Uma menina me perguntou,
toda prosa, o que eu via em seu olhar.
E eu respondi sem demora:
— A pupila, a íris, a córnea,
a esclerótica, o globo ocular.
E nele refletido um alguém que,
juro, eu não me canso de amar!

MARCHA MARCADA

Todo dia, alguma coisa se parte,
se quebra, se desfaz, de mim se aparta.
Toda hora, cato minhas muitas partes
e varro lá para debaixo da alma.

Todo dia, um alguém em mim se mata,
se queima, abre muitas crateras largas.
Todo tempo, ressoa essa sonata
e caio, um por um, nos buracos da alma.

Todo dia, pouco a pouco, me acabo,
incinero pedaços putrefatos
e envelhecemos eu e o meu retrato.

A sorte é que nunca me descontrolo.
Enquanto insanos se sujam de sangue,
a poesia põe minha alma no colo.

EGOTRIP

Mergulho fundo nas profundezas minhas.
Vasculho os cantos desse meu mundo oculto.
Sonho, enfim, encontrar as partes perdidas:
peças partidas num vasto quarto escuro.

Mergulho desnudo e busco minha flor
que na redoma sempre se protegeu.
Rosa fechada, nela o que fui e sou:
mutante constante me mantendo meu.

Mergulho com tudo na minha fumaça,
não quero dissipá-la, só digeri-la:
quem sabe esta mesma noite ainda traga
muito mais tesouros do que eu imagino?

A LÂMINA DO MACHADO

lembança do que já fiz.
lembança de quem já fui.
lembança que me persegue.
lembança perfura, sangra, fere.
lembança insone, minha sentinela.
lembança selada, silente, escondida.
lembança feito o frio da noite que gela.
lembança é ferida viva, fica sempre aberta.
lembança cruel - meu fel - lembança amarga:

lembança assim é almafiada cortando a carne fraca.

EU

A FEITO
A
A FETO

AS QUATRO ESTAÇÕES DA ALMA

OUTONO

Árvores peladas.
Folhas todas pelo chão:
sentimento nu.

INVERNO

Frio vento sul.
Noite escura sem estrelas:
apagão em mim.

PRIMAVERA

Já é primavera:
os meus olhos desabrocham
quando vejo os dela.

VERÃO

Tempo seco e quente:
incêndio surge na mata
e a nuvem não chora.

MINA SEM MAPA

O que procuro vem de um passado
muito antigo tal qual uma lenda,
algo que anseia ser encontrado,
ainda que oculto se mantenha
em meu secreto solo sagrado.

O que procuro segue guardado,
mesmo parecendo sepultado,
imerso, inerte no imenso mar.
Mas em meu labirinto lacrado,
sem novelo, sem rotas, sem rastros,
é onde me encontro sem me achar.

IMPLOÇÃO

para Louis Alien
e Adriana Monteiro de Barros

Fim de um tempo
dentro de mim;
assim me repenso,
acendo o estopim.
Expulso horrores,
incinero dores,
reconstruo
o que desabou.

Grito já rouco
e tudo é pouco,
tão pouco que pouco
agora restou.
Tão louco ser pouco
do pouco daquilo
que fui e que sou.
Hoje só olho em frente
e esqueço o retrovisor.

OUTONAL

Caem folhas mortas
novamente sobre a terra.
Olho o mundo como ele é.
Vejo a rua pela janela,
quando algo doido
dentro em mim berra.

Olho pra tudo, pro nada.
Sonhos suicidados,
ânsias empalhadas,
não paro para contá-los,
continuo na estrada.
Sou o que fui e sou
mudando pra ser
o mesmo de sempre,
que nunca sabe quem é,
que segue cego e ciente.

Caem folhas fenecidas.
Passos, descompassos,
chegadas e partidas.
Sem velório ou caixão,
busco o aroma das flores vivas
e me abro para uma nova estação.

BOOMERANG

para Leila Míccolis

para tchau, dizem *bye-bye*.
para meu, usam o *my*.
porém, até sei de cor:
todos os meus *good-byes*
jamais serão *nevermore*!

A máquina de interrogações

“Talvez a tarefa de quem ama os homens seja fazer rir da verdade, fazer rir a verdade, porque a única verdade é aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade.”
(William de Baskerville em *O nome da rosa*, de Umberto Eco)

“É preciso caminhar no incerto e idolatrar a dúvida.”

(Antônio Abujamra)

“Há tempos fujo da verdade cega e absoluta e admito certa equivalência entre o que afirmo e o outro nega. Separados ou juntos somos apenas parte de um misterioso conjunto”.
(Affonso Romano de Sant’Anna em *Misterioso conjunto*)

Get up!

**o pensamento
é leve**

**e leve
o pensamento**

PEDRA FILOSOFAL

“Se as portas da percepção estivessem
limpas, tudo apareceria para o homem tal como
é: infinito.” (William Blake)

Nada é igual
nem simétrico.
Tudo que vejo
é imperfeito.
Ou seria perfeito
cada qual do seu jeito?

Nada do que toco
é exatamente
como percebo.
Derrubo mitos
feito Nietzsche.
Tudo é múltiplo
enquanto existe.
Verdades são várias:
vista a que lhe sirva.

Nada é normal
nem previsível.
Tudo o que se mostra
guarda segredos.
Enxergar além das portas
é o meu maior desejo.

MOTO CONTÍNUO

para Heráclito de Éfeso

A vida às vezes faz
às vezes não faz sentido.
Serão mesmo desiguais
as águas de um rio?

RELIGARE

REAL ----- Imaginação

REAL ----- Imaginação

REAL --- Imaginação

REAL Imaginação

RELigião

TRÁFEGO

TRANSITIVIDADE

TRANSITIVAS IDADES

TRANSAR VIDA E IDADE

TRANSITIVAS **VERDADES**

TRÂNSITO E ATIVIDADE

TRANSITIVA IGUALDADE

TRANSITIVIDADE

Velha conclusão

Maturidade:
pena que chegue
tão tarde!

A FORÇA DA FOICE

Muitas mãos e um deus cego de pele fria
mastigam a vida, sob a forma de noites e dias.
As coisas aparecem, perecem e logo findam.
A estratégia do caos é disfarçar-se de harmonia.

Muitos deuses invisíveis seguem suas sinas:
engolir carnes e ossos em estranha rotina.
Ensopado de destroços ao molho das carnificinas.

Muitas mãos movem a máquina e seus relógios.
Nada vaza. O tempo é traça roendo a celulose.
Nada escapa da fome do deus de nome morte.
Somos filhos do fino fio de linha que espera o corte.

NOW!

Nada atrás, nada à nossa frente.

**A vida é e será sempre
futuro do pretérito do presente.**

PRISÃO DE DENTRO

para Laura Esteves

Então é só isso?
Dinheiro, sexo,
fama, trabalho, poder?
A vida é regras, riscos
e quase nenhum prazer?
Apenas um corre-corre aflito
sem mais nem porquê?

É tão somente isso?
Nascer, lutar, sofrer
e depois entregar o espírito
como quem cumpre um dever?
Não, não é esse o nosso destino.
Enquanto vivos, haveremos de ser
muito mais gente do que bichos.

FIM?

**SÓ
PODE SER
PÓ DE SER?
SÓ???**

†

†
TeStamenTo

†
TroNos †iaRaS

†
TeRnos †raLHas

†
TíTulos †eRRenoS

†
TeRRas †eRRi†órios

†
TaNTos †eSouRos

††††††††††††††††††

†
ToDoTeR†eRminA

†
ToDo†uDo†uDo†uDo†oDo

††††††††††††††††††

NadaNadaNadaNadaNadaNada

DESCONFIÔMETRO

Há tempos, um sábio grego dizia
que a dúvida é a mãe da Filosofia.
Minha avó, por sua vez, me advertia:
— Ponha um olho no padre, outro na missa.

Todo palco com luz guarda uma cruz na coxia.

A CHAMA DA VELA

para Tanussi Cardoso

Do pó ao barro
do barro ao vaso
que volta ao pó
como a cinza
que não torna
a ser cigarro.

A gota vira poça,
a poça vira riacho.
As águas correm
escorrem num átimo
seguindo a lógica
de um deus tácito.

Do pó ao jarro
do jarro ao caco
que retorna ao pó
como a fruta
que caída não volta
a pertencer ao galho.

O melhor da flecha é seu voo
e não a chegada ao alvo.

FORTUNA CRÍTICA

O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa e só quer ou a favor ou contra mim. Desse modo, descobrimos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que os outros são.

(Jean-Paul Sartre em *O Existencialismo é um Humanismo*)

O poeta da emoção, da ironia e do compromisso social ou como levar um soco no estômago

Marcelo,

diante do “olho da máquina que não pisca nem por um segundo”, me delicio com os seus poemas.

Retorno ao seu primeiro livro, *O diário do camaleão*. Rio e me encanto com a sua poesia. Lembro-me de que, já naquela época, ano de 2009, eu me perguntava: como um rapaz tão jovem escrevia, com sutileza e ironia, versos tão profundos? Eu ainda não sabia o que estava para vir.

Hoje, ano de 2015, diante dessa máquina, tão necessária e infernal, eu levo sustos.

Explico: estou, neste instante, muito só, em minha “caverna pós-moderna”, lendo uma amostra dos versos do seu próximo livro: *Máquina mundi*. O título, um achado.

A todo momento, eu só consigo falar: “muito bom!”, “muito bom!”. Cada poema, um soco no estômago. E eles “rasgam sem anestesia”.

Parabéns! Repito o que eu disse no *e-mail* que lhe enviei: você, Mourão, é um dos maiores poetas da atualidade.

Abraços,

Laura Esteves, poeta e contista

P.S. Em tempo, obrigada pelos poemas a mim dedicados.

Um autêntico sincretismo pós-moderno

Maquina mundi, nova coletânea de Marcelo Mourão, radicaliza a poética de *O diário do camaleão*, seu livro de estreia, de 2009, no rumo de uma estética da nossa pós-modernidade. O livro está organizado em cinco segmentos, com expressivos subtítulos. O primeiro (“A máquina do mundo ou O mundo da máquina”), que traduz o latinismo do título, pode ser lido como uma autodefinição do projeto e do seu objeto: a “máquina do mundo” pode sintetizar essa estética, e “o mundo da máquina” pode representar a pós-modernidade. Aqui, destaco logo o poema de abertura, pois é uma obra-prima: a “Parábola da evolução humana”, que poderia ser um perfeito poema-postal. No segundo segmento do livro (“As engrenagens de Eros”), o poeta aborda a nova realidade das relações interpessoais, ensaiando um questionamento da sua natureza: “fundamentalismo emocional / ou emoções sem fundamento?” – em “Amor líquido”. No terceiro (“Os mecanismos poéticos”), alguns tópicos dessa estética, em seu personalismo, seu sensorialismo mas sobretudo em seu minimalismo: “Hoje o verso / não conta / nem canta” – em “Náufrago”. Na quarta seção do livro (“Os engenhos de dentro”), algumas das íntimas motivações dos seus protagonistas: “Talvez eu seja um Guevara de pileque / me sentindo o deus da revolução!” – em “Herói de vitrine”. No quinto e último segmento (“A máquina de interrogações”), alguns dos dramas típicos do nosso tempo: “Nada é normal / nem previsível”. – em “Pedra filosofal”. Em textos amplamente diversificados – que vão do discursivo atenuado, passando pelo haicai, pela expressão sincopada, pelas aglutinações vocabulares, pelo verbalismo pós-concretista, chegando até à figuração semiótica, num autêntico sincretismo poético – Marcelo se manifesta sempre numa dicção radicalmente pessoal, o que é o bastante para abrir-lhe um espaço na nova poesia brasileira.

Pedro Lyra, poeta e crítico literário

Após publicar o já promissor livro de estreia *O diário do camaleão*, o poeta Marcelo Mourão demonstra, neste seu segundo poemário, *Máquina mundi*, notável amadurecimento literário, evidente no aprimoramento técnico, na expansão vocabular e

na pujança imagística dos poemas que agora se reúnem e confirmam seu nome na cena contemporânea da arte poética. Ao mesmo tempo em que Mourão celebra e faz perpetuar em sua obra a tradição métrica e rímica, não perde – pelo contrário, estimula – a abertura à experimentação formal. Do mesmo modo, no plano do conteúdo, põe a tradição moderna do pensamento ocidental em tensão com o discurso pós-moderno acerca da realidade. Nesse sentido, os constantes exercícios intertextuais e interdiscursivos agora realizados extrapolam o corpo a corpo com os poetas da literatura brasileira, porque se querem travados também com filósofos e sociólogos, da antiguidade à contemporaneidade – o que parece informar o quanto a circunstância biográfica de um autor, atualmente inserido no campo teórico-acadêmico da literatura, pode repercutir na práxis da escrita inventiva. Persistindo em tal rigor, entrega, seriedade e respeito à palavra, o trabalho de Marcelo Mourão tem toda chance de permanecer para além da década e do século em que, aparentemente, inscreve seu espaço-tempo poético-existencial.

Igor Fagundes, poeta, ensaísta, doutor em Poética e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marcelo Mourão inaugura sua *Máquina mundi* cheia de engrenagens e sistemas reflexivos, fruto de leituras do comportamento da atual sociedade, de suas essências e valores muitas vezes (re)vestidos pelo avesso. Um olhar que experimenta o cotidiano, tocado pelas inversões, inventários e vãos. Um olhar crítico sobre a racionalidade, o sentimento, a matéria, o ego, as dúvidas, enfim, sobre tudo que permeia a vida real e que no projeto desta “máquina” transforma-se em signos da linguagem verbal e visual, impulsionados pela força metafórica.

As imagens, as formas, as aliteraões, os ritmos, as intenções e desvios transbordam significados. O “Amor” é sustentado pelas interrogações e opostos. Os “ts” questionam e testemunham o materialismo. A poesia pode até morrer, mas tem o poder de ressuscitar. Remetendo-se ao *Mito da caverna*, o autor usa referências intertextuais para chamar a atenção de Glauco, irmão mais novo de Platão, para a realidade pós-moderna, passados séculos de existência e descobertas. Prisioneiros da insegurança e de nós mesmos, continuamos, todos, cercados por muros (e grades), diante de luzes e sombras da tecnologia. E essa questão segue em outros poemas, fundamentada pela “Parábola da evolução humana”.

Em *Máquina mundi*, encontramos versos longos, poemas curtos, linguagem visual. São ferramentas estéticas que compõem o mesmo projeto: a releitura do hoje. Um livro maduro, temático, que conduz o leitor a uma visão reflexiva. Chega a ser um convite ao experimento de um novo olhar. Resta-nos a coragem de sair de nossas cavernas.

Teresa Drummond, poeta e idealizadora e produtora do projeto cultural “Poeta saia da gaveta”

Vencer não é difícil, mas exige persistência. E é exatamente isso que percebo nas linhas de Marcelo Mourão. Ele luta em favor do amor com primazia, lembrando-me Vinicius de Moraes. A bandeira da liberdade aparece sempre quando o poeta defende as causas justas, como Gandhi. Enfim, esse escritor está à frente de seu tempo. Parabéns pelo trabalho. Sou sua eterna fã.

Neudemar Sant’Anna, poeta e produtora do projeto cultural “Poeta saia da gaveta”

Marcelo Mourão tem poesia nas veias. Convergem nele a sensibilidade, o amor pelas letras, o apuro no dito, a vontade de expressar sua inspiração e partilhar a arte que

o habita. Sorte a nossa! E *Máquina mundi* nos chega justamente no momento em que parece termos atingido o auge do individualismo, auge da loucura simultânea do descarte e da acumulação, justamente no momento em que andamos largamente desviados do caminho da liberdade e da beleza, de que tanto nos falou Chaplin, principalmente em seu *O grande ditador*. Tempos labirínticos, tempos de carências que as máquinas jamais serão capazes de suprir: falta-nos fraternidade, compaixão, amor e têm nos faltado vozes que falem de um caminho melhor. Marcelo Mourão é, portanto, essa voz única, sofisticada, humorada, irônica, a nos convidar a caminhar pelas vias da reflexão filosófica e da beleza. Ouçamo-la!

Michele Guedes Schmid, graduada em Letras – Português/Inglês e pós-graduada em Literaturas de Língua Portuguesa pela Unesa

A poesia do Marcelo é, ao mesmo tempo, intuição pura e razão retilínea, que se abraçam e se expandem. Marcelo consegue captar, ao mesmo tempo, nuances mais sutis e emitir rugidos entalhados em palavras, trazendo questionamentos seríssimos com gargalhadas, revelando uma Poesia repleta de força, graça e leveza nas doses exatas. É sacana e sagaz que dá gosto de ler, dá gosto de ouvir, de repetir. É também, sem dúvida, um dos meus grandes amigos e professores nessa jornada pela vida (e pela Poesia da vida). Certo dia, Marcelo me disse: “Poesia que não venta nem faz chover não é Poesia”. Aprendi muito sobre a verdadeira comunicação da Poesia assim.

A função da Poesia do Marcelo é fazer ventar e chover, fazer pensar, viver, morrer, renascer como uma fênix, ressignificar a nós mesmos, e daí pro mundo. Marcelo me mostrou (e sempre mostra) que devemos ser nós mesmos, tirar de dentro, botar o bloco na rua!

Espero que a leitura deste livro provoque você, leitor, a pensar, e que você bote o SEU bloco na rua e que também provoque outros alguéns a pensar. Eis aí a prova que poesia é contagiosa e que o poeta é mesmo a antena da raça!

Louis Allen, poeta, artista plástico, produtor (e fã do Marcelo!)

Marcelo Mourão é poeta. E todo o mais que tiver que ser dito que o seja pela história da literatura brasileira, que com certeza se lembrará dele.

Iverson Carneiro, poeta, professor e produtor cultural

Poeta contemporâneo dos bons e pessoa que respeito e admiro, Marcelo Mourão vem consolidando seu nome no meio literário. Desde *O diário do camaleão*, publicado em 2009, percebo o olhar sensível e questionador de quem está atento às transformações sociais e políticas do mundo moderno. Em *Máquina Mundi*, o olhar do autor se inclina de modo ainda mais crítico e reflexivo para a engrenagem veloz dos nossos dias, pontuada por tempos líquidos, em que “nada é para durar” – como bem disse o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman. E Marcelo sabe, como poucos, explorar o tema sem perder o lirismo. Multiartista que é, quando recita seus poemas em público, amplia a sua já vigorosa poesia, e nos brinda com a força imagética de sua palavra falada, extraída de uma escrita camaleônica, em constante mutação para o deleite dos leitores.

Jorge Ventura, poeta, ator, jornalista e publicitário

Não tenho dúvida alguma em afirmar ser Marcelo Mourão um dos mais envolventes poetas da atualidade. Com seus temas existenciais (o sentido do Tempo, o questionamento sobre o que somos e fazemos no mundo, as questões relacionadas ao Amor e ao significado da Morte), constrói carreira sólida, que desemboca na fluidez poética de seu mais novo livro, *Máquina mundi*, abordando os tempos velozes e crus

nos quais nos encontramos, vividos por uma nova geração hiperconectada. Época em que a tecnologia torna a vida mais completa e, paradoxalmente, complexa e contraditória. O livro é uma espécie de parábola, quando o humano fica cada vez mais oculto, e nos faz esquecer do Belo, da Liberdade e da Poesia.

A tecnologia se transforma no campo desértico dos desencontros e da comunicação fria e distante. Cercados pelos excessos e pela superficialidade, estamos nos transformando em robôs insensatos, em órfãos de sentidos. Nessa velocidade incontrolável, não há mais quase espaço para se ver o outro, tampouco a si mesmo.

Nos poemas de Marcelo Mourão, há delicadeza e tensão, e, antes de dar respostas às questões da existência, sua poesia tem o propósito de interrogá-las. Sempre atento às coisas ao redor, retrata a violência, o egoísmo e o vazio dos dias de agora, mas parece refletir, de forma esperançosa, que essa corrida tecnológica pode, de alguma forma, levar as pessoas ao encontro da natureza e da arte.

Com ecos de Drummond, ficam as perguntas: o caminho da desumanização pelas máquinas é sem volta? E a poesia será sempre possível?

Tanussi Cardoso, poeta

Máquina mundi, novo livro de Marcelo Mourão, vem em boa hora. Não apenas pela poesia do grande poeta que Marcelo é, mas também pela crítica pertinente que seu novo trabalho exerce com inteligência e sem perder o lado emocional de obras anteriores. *Máquina mundi* expõe a cobiça desenfreada do ser humano por respostas, lucros, *status*, aliando-se, em uma crença desmedida, aos resultados banhados de razão pela maquinação da sua própria existência. Marcelo Mourão mostra o quanto da alta velocidade da vida culmina nos nossos passos de tartaruga, o quanto da nossa abundância determina nossa penúria, o quanto nosso conhecimento nos afasta das coisas simples, o quanto pensar demais significa sentir de menos. Alguns poemas de *Máquina mundi* explicitam, mais do que outros, tais paradoxos venenosos. São os casos de “Parábola da evolução humana”, “Amor” e “Testamento”. Com *Máquina mundi*, Marcelo Mourão traça o mapa de um ser escravizado e amplia o tema para outras áreas, desde o sentimento e o ego freudiano, passando por questões filosóficas, até o fazer poético, convidando implicitamente o leitor à reflexão. Obrigado, poeta!

Dio Costa, poeta e mestre em literatura brasileira pela Uerj

Marcelo Mourão, digo a você que é através de sua primeira obra – *O diário do camaleão* - e do nosso convívio nos saraus por esse Rio de Janeiro afora que posso chamar-lhe de poeta plural. Dono de uma verve alegórica e visionária, Marcelo surpreende com suas bem-articuladas tramas poéticas. Como ótimo poeta que é, e sempre “camaleônico”, ele escapa da hipocrisia e se evidencia criando harmonia em sua escrita. Através dela, ele progride, agride, ousa, se assanha, se abre, se desnuda, brinca, se insinua. Sua irreverência com as palavras contagia e abre um portal para o sonho, o lúdico, o humor, o satírico, o sacana e o existencial. O camaleão Marcelo Mourão está de volta. Seja bem-vindo mais uma vez!

Dalberto Gomes, poeta, escritor e ator.

Marcelo Mourão mira a *Máquina mundi*. Jovem guerreiro, faz da poesia a sua arma, e se afirma de vez como esteio firme no solo da linguagem poética.

Dialogando com pensadores e poetas de ontem e de hoje, busca novos tipos e fontes de letras em cada título para imprimir no livro a marca gráfica de seu espanto.

Marca diferencial que se estende através da poesia visual em poemas vários, tais como “Parábola da evolução humana”, “Amor” e “Testamento”.

Sua inquietude diante do mundo é indagadora, um questionamento explícito: pontos de interrogação estão presentes em vários poemas, chegando ao ápice em “Amor”, em que duas cabeças em perfil, e de costas uma para a outra, formam ao mesmo tempo um coração e dois enormes pontos de interrogação. Salve, Marcelo Mourão! O camaleão pós-moderno pede, novamente, passagem!

Delayne Brasil, poeta, compositora e integrante do grupo Poesia Simplesmente

Conheci Marcelo Mourão, sentindo o vento livre que trazia a energia das ondas que vinham do mar e a luz da lua e das estrelas que nos saudavam no encontro. Com Eduardo Tornaghi e Zeca Calazans, ele formava um trio de resistência. Chegavam com carrinhos de livros, papéis, anotações, corações e almas cheios de amor. Por isso frequentei aquele cantinho na Pedra do Leme: o Polem. Quanta beleza naquele ancoradouro. O tempo parava e os olhos ficavam sempre marejados. Mergulhávamos profundamente em nosso próprio fogo da vida. Durante muito tempo, segui sentindo o que sempre ouvia dele: palavras sinceras, de quem transcreve os sentimentos com humildade, grandeza e conhecimento.

Hoje, quando navego por trechos de sua poesia, como em “Roda-viva” (“mas o carinho da mão/ escrevendo no papel/ a máquina não capta”), sinto sua voz cadenciada e melodiosa como o vento e a luz da lua. Que privilégio de minha memória! Quando leio “os ouvidos não tinham paredes”, de “Blindados”, sinto o som das ondas enormes trazidas pelo vento que vão arrebatando todas as amarras e represas. Mas é quando ancoo em “Desconstrução” (“Quando os pais e os avós/ vão aos poucos morrendo, / é como um prédio antigo/ perdendo os pavimentos. / Mas não é ele que cai/ sou/ eu/ desmoronando por dentro.”) que transbordo e transbordo e transbordo.

Marcelo, que sua viagem seja longa. Precisamos de mapas de planos e sonhos belos e você conhece muitos.

Jane Duboc, cantora, compositora e escritora

Marcelo, amei os seus poemas. Tão musicais, diria até cantantes e ritmados por pulsações. A presença do ritmo se faz sentir, principalmente, pela utilização de rimas sonantes e toantes, por repetições de palavras (figuras de linguagem), pelo pulsar das sílabas tônicas e átonas permitindo o casamento da prosódia da linguagem com a prosódia musical. Isso é muito bom! Gostei também dos jogos de palavras (aliterações) e da utilização do coloquial que aproxima o poeta do leitor, deixando que se perceba o seu amplo conhecimento das técnicas do bom poetar. Enfim, querido poeta camaleônico, como bom poeta, você sabe lidar muito bem nos seus poemas com as igualdades e as diferenças.

Elisa Flores, poeta.

A Máquina mundi que gira ao redor do seu umbigo, ora tornado motor. Que gira, com a convivência ou à revelia da humanidade que caminha, “acompanhada e só”. Que não dorme, não come nem respira. Ignora o que verdadeiramente importa, mas vê tudo que se passa “com um olhar de pergunta, nunca de resposta”.

É de dentro dessa máquina (mas como quem assiste de fora) que Marcelo Mourão descreve, com realismo poético, esse mecanismo confuso de tempos velozes, em que muitas palavras podem soar poucas: “mas o carinho da mão escrevendo no papel a máquina não capta”. E o poeta constata, lindamente, com reflexiva nostalgia: “as paredes até podiam ter ouvidos, mas os ouvidos não tinham tantas paredes”.

Máquina mundi é o olho criticamente terno do bardo sobre os olhos de ferro. “Testamento” de uma era que já é, e não sabemos como ou se ainda será.

Enquanto isso, na sala de leitura, desparafusamos a pressa, desligamos os aparelhos e abrimos o livro, com o entusiasmo de testemunhar que a delicadeza agoniza, mas não morre. No engenho do poeta, estamos a salvo.

Lúcia Santos, poeta e letrista

A linguagem é o dom que nos faz humanos. Para tanto, basta que se empreste à linguagem o fundamento de nossa sensibilidade, basta que se faça poesia. Isso sempre foi. Os povos antigos, ao atravessarem um rio, louvavam o espírito daquelas águas em belos poemas. Tudo em poesia. Todas as certezas eram expressas desse modo, em poemas épicos, como nos textos homéricos, ou em salmos ou provérbios, como na sabedoria judaica. Tudo poesia. Com a modernidade, veio a pretensão de uma linguagem direta e objetiva. Como se o homem tivesse descoberto todos os segredos, sendo capaz de explicar tudo o que existe de modo racional, sem perceber que a verdade nele habita, desde sempre, em poesia. Por isso, a poesia de hoje precisa nos levar ao reencontro de nós mesmos. E nessa estamos, tanto Mourão, como eu, e também o Carlos Drummond, um ícone para nós dois. Será que conseguiremos dar nosso sentido ao mundo? Bem, estamos na luta, e o presente livro é parte muito importante nisso. Portanto, vamos em frente. Longa vida à Máquina do Mundo e a seu autor.

Chicco Lacerda, poeta, doutor em literatura pela UFF e professor da Unesa

Marcelo nos apresenta à sua *Máquina Mundi*, com engrenagens cheias de sentimentos e de poesia, que nos faz viajar através de uma escrita que não é somente uma reflexão mas, sim, um belo olhar sobre os nossos tempos e como lidamos com as nossas máquinas e engrenagens pessoais. Poesia, reflexão e sentimento são os novos tempos da máquina maior que é a vida. Grata, Marcelo, por esta sua/nossa viagem.

Nadja Abreu, poeta

Em seu novo livro, *Máquina mundi*, Marcelo Mourão lança um olhar atento, sensível e inteligente sobre os tempos atuais em que a cobiça, o ceticismo e a crueldade predominam no comportamento humano. Através da linguagem textual e gráfica, nos mostra seu desconforto diante do aprisionamento em que vivemos em paralelo à evolução tecnológica. Clamando por mais humanidade, o autor vai muito além da simples nostalgia, quando diz: “A poesia põe minha alma no colo.”

Maria do Carmo Bonfim, poeta

No interessante livro *Máquina mundi*, Mourão tece sua poética antenada com o contexto histórico-social. Retrata a fragilidade do homem contemporâneo diante das inovações tecnológicas. Estabelece um diálogo com a filosofia, com as outras ciências e artes, com outras épocas e com a própria poesia. O poeta joga com expressões e interrogações, conduzindo o leitor a uma possível reflexão sobre a máquina do mundo. Utiliza-se de recursos como a intertextualidade, a linguagem coloquial e outros. Observa-se que a pulsação e as pausas tentam acompanhar a vida do seu tempo. Composições de formas variadas, abordagens críticas e jogos de sonoridade que contribuem para a grande beleza e o impacto final dos poemas. Esse livro é uma boa conversa com o leitor. Uma conversa pós-moderna.

Celi Luz, poeta, ficcionista, professora de Língua Portuguesa

Definitivamente, não dá para sair ileso ao ler um poema de Marcelo Mourão. Afável, ácido, erótico, irônico, introspectivo, enfim, uma autêntica alma camaleônica. E neste seu segundo livro de poesia, *Máquina mundi*, esse espírito está mais presente do que nunca ao mostrar-se intensamente voltado ao período em que vive. Questionador, coloca em foco as relações humanas na atualidade, influenciadas pelo "bombardeio" tecnológico e ideológico - o que entendemos como progresso, afinal? Trata-se de um livro indispensável para quem gosta de poesia inteligente e com importância histórica. Marcelo, com seu olhar crítico e seus versos contundentes, é um brilhante poeta-cronista de seu tempo.

Marcelo Roque, poeta

Em um mundo em que olhares não mais se cruzam, vidrados em telas de *smartphones*, as máquinas dominam o hemisfério esquerdo e quebram o impacto das primeiras intranquilidades. A falsa segurança na distância de uma farsa nos *touchscreens* da vida. Luzes se acendem em poemas de Marcelo Mourão para desconstruir as angústias que nos prendem a aparelhos, nos levando a pensar na atualidade agonizante com dureza, beleza e não menos poesia: "espelhos mostrando uma cara cheia de fomes."

Juliana Hollanda, poeta e jornalista

Marcelo Mourão, professor e poeta carioca, projeta no verso um olhar questionador, conduzido por uma linguagem que explora os caminhos da síntese filosófica: "*FIM? SÓ/ PODE SER/ PÓ DE SER? / SÓ???*". Os sentimentos de solidão e indiferença provocados pelos novos tempos, movidos à velocidade e à submissão do homem à máquina, transformam-se em temas essenciais ao poeta. O poder e a vaidade confrontam-se, em irônica desvantagem, com a nossa inevitável finitude, conforme nos revela o belo poema "Testamento". Apropriando-se dos recursos sonoros da aliteração e da plasticidade da poesia concreta, Marcelo transforma a letra "T" em cruz, espalhando pela página, qual espelho inquietante, a inutilidade de nossa "magnitude": "Tronos/ Tiaras/ Ternos/ Tralhas/ Títulos/ Terrenos/ Terras/ Territórios/Tesouros/ Todo Ter Termina/ Todo/ Tudo/ Nada".

Carmen Moreno, escritora, professora de Teatro, membro do PEN Clube do Brasil, contista, romancista, poeta e dramaturga premiada

Ao conhecer Marcelo Mourão, grande amigo, postando seus poemas e incentivando-me a tirar os meus da gaveta, percebia, a cada postagem sua, que ali nascia um grande poeta contemporâneo, que veio para diferenciar. Irreverente, talentoso, idealizador e realizador de vários projetos culturais, não poderia ser mais um entre tantos. E assim o poeta - direto, transparente, lúcido e lírico - lança o seu segundo livro, e já aguardamos os próximos que virão das mãos e da mente desse grande estudioso da literatura.

Denise Moraes, artista plástica, poeta e produtora cultural

Um passeio pelos poemas do poeta carioca Marcelo Mourão, no *site Recanto das Letras*, confirmam uma tendência positiva que detectei desde o seu livro de estreia, *O diário do camaleão*. Tendência essa que consiste, justamente, na capacidade do autor viajar por vários temas e estilos poéticos contemporâneos, numa atitude que ratifica o espírito mutante que o título daquela primeira obra sugere. Marcelo, figura carismática que se tornou muito conhecida no ambiente literário do Rio de Janeiro, faz uma poesia que ora nos encanta, ora nos faz pensar, ora nos faz rir. Nada escapa à reflexão do autor: desde os temas universais, como a vida e a morte, aos mais corriqueiros, que

emprestam vida a essa divina comédia humana. E não faltam os metalinguísticos, em que Marcelo, por vezes, não hesita em retirar a poesia do sagrado pedestal que alguns lhe pretendem impor. Parabéns, poeta!

Ricardo Alfaya, poeta e escritor

Em seu livro de estreia, *O diário do camaleão*, o poeta Marcelo Mourão começa a construir a sua identidade poética e seu eu-lírico vai tomando forma de modo promissor. Ele é o camaleão, transforma-se e experimenta a vida, os opostos, explorando o mundo em seus aspectos contraditórios.

Ele, como bem proclama o poema que abre o seu primeiro livro, através da poesia, pode ser tudo que quiser. Ele é Prometeu, que comete ousadias, quer ir além e, por isso mesmo, é aprisionado, recebe punição. É Sísifo, condenado a repetir-se, a carregar seu fardo. É, também, Ícaro, deseja voar e conhece o risco da queda. A contradição busca conciliar-se no fazer poético. A poesia é a casa, é a joia de lata, é o lugar por excelência onde os opostos coabitam, provisoriamente reconciliados no paradoxo: “a poesia é cativa/ de sua própria liberdade”. É ainda local onde as possibilidades fluem por transitar no intervalo das coisas: “sou o vão entre ideia e ação/ entre cegueira e razão”. A poesia, o relacionamento amoroso, a fusão com a amada até alcançar a divindade, tenha ela um caráter sagrado ou profano, busca efetuar a realização das possibilidades da existência: “sou feito do que me preenche/ de tudo que só em mim cabe”. Enquanto camaleão, busca exercer sua liberdade mesmo encontrando um porto mais ou menos seguro: “teu corpo é a minha casa”.

Entre a possibilidade e os limites da condição humana se situa o poeta.

Cleber Pacheco, escritor e Mestre em Letras

Palavras advindas da alma, que acalantam as dores e esquentam o coração, sentimentos aflorados explorados de maneira singular e intensa, que nos permitem vivenciar e até sentir os gritos silenciosos e as emoções sentidas pelo autor. A cada leitura conhecemos mais e mais o avesso, a doçura e a rebeldia de Marcelo Mourão, um poeta inteligente que, por meio de sua verve criativa, nos convida a viver a vida em sua verdadeira e mais pura essência.

Rosangela Primo, poeta e pedagoga

Não há como definir os poemas de Marcelo Mourão senão mesmo como camaleônicos. Seu estilo é, ao mesmo tempo, visceral e simples. Sua alma poética constantemente cutuca a “morte” de maneira ora triste, ora satírica. Rimas ricas, como se vê em “Herói de vitrine”, e versos que variam entre o deleite (“a pomba do meu pentecostes na minha cabeça sempre cagou”) e o humor zombeteiro (“a poesia é aquela pedra, um terço de nós a despreza, outro terço chega e chuta”). Não importa que caminhos tomem, seus poemas parecem realizar uma jornada própria e atingem-nos sem nos querer atingir. Afinal, como ele mesmo diz em “A chama da vela”: “o melhor da flecha é seu voo e não a chegada ao alvo”.

Vera Sarres, poeta e revisora

Apreeiei bastante o seu primeiro livro, *O diário do camaleão*, de elevada sensibilidade que reflete nos poemas toda a sua capacidade literária. Através de nossas artes, encurtamos as distâncias que nos separam.

Selmo Vasconcellos, poeta e jornalista cultural

O poeta contemporâneo tem o desafio de compreender a velocidade das coisas atuais e as mudanças que o mundo engendrou. Perder-se não é difícil. Apavorar-se também não. Marcelo Mourão enfrenta esse desafio com muita habilidade e destila as contradições modernas de um mundo novíssimo, tenso, ávido e impaciente, por meio de uma poesia destemida e muito bem-nutrida na tradição, não obstante, antenadamente atual. Marcelo sabe muito bem onde está. E sabe, da mesma forma, transformar em arte literária as dúvidas que cercam este mundo faminto e ainda estranho para todos nós.

Marlos Degani, poeta e jornalista

Máquina mundi, novo livro de Marcelo Mourão, trata de tempos sombrios, plugados, elétricos, em que a velocidade das conexões se contrapõe à humanidade. Teclo; logo inexisti! E o que me resta? A poesia - grita surdamente o poeta. A poesia-crônica-prosa-poema. A única forma que o autor conhece para combater o sistema.

Victor Colonna, poeta e cronista

Na poética de Marcelo Mourão os temas variam, mas percebe-se o convite à reflexão. Não são apenas poemas bem-escritos e articulados, mas uma leitura prazerosa, que nos dá um sentimento de inclusão. Eles espelham as nossas vidas e o nosso papel no mundo, não com o objetivo de julgá-lo, mas de o repensar junto com o leitor.

Chris Herrmann, poeta e musicoterapeuta

Marcelo Mourão traz, em sua poesia, o assombro ante o nosso tempo, que usurpa das relações humanas o que elas têm de melhor: o toque, o olhar, o gesto silencioso. Os poemas devem ser lidos com um coração mais altruísta (em outros tempos, um pleonasma) e relidos com uma razão impiedosa, pois transitam primorosamente pelo romantismo e pela beligerância. Magníficos versos! Imprescindível leitura.

Noélia Ribeiro, poeta

Leio os poemas de Marcelo Mourão e me deparo com uma poesia repleta de sensualidade *in natura*, com versos vulcânicos, oceânicos, titânicos, em eterna magia com a natureza primordial. Os deuses o conduzem e o levam por um mundo de poemas transformadores onde o camaleão pode ser o que ele quiser, pois, para mudar o caminho, basta caminhar. Avante, poeta! Você já nasceu feito.

Marcia Barroca, poeta

Conheci Marcelo Mourão em 2007, num momento de grande agitação no meio poético, em que poetas ocupavam os mais variados espaços para dizer seus poemas e a *internet* era invadida por milhares deles. Foi através dela que o conheci e tive contato com seus poemas. Ele não era um poeta de última hora, há muito já vinha escrevendo, mas faltava o pulo do gato que o distinguisse da maioria e lhe desse voz própria. Vendo-o mergulhar de corpo e alma nesse objetivo, comecei a admirá-lo como poeta e pessoa. Com foco e seriedade, buscou aperfeiçoar sua escrita participando de oficinas de literatura (com destaques à de Cairo Trindade e à de Leila Miccolis), transformou-se em divulgador de poesia na *internet*, vestiu a camisa do movimento poético carioca, aprendeu a dizer bem e de memória seus poemas em público, participou, com outros grandes poetas (Eduardo Tornaghi, José Henrique Calazans e Louis Allen), na organização de eventos em nosso circuito de poesia, dirigiu o seu próprio evento no calçadão do Leme, o Polem, e voltou aos bancos da universidade para se aprofundar no estudo da língua e da literatura. Nesse seu processo de transformação, lança o primeiro livro em 2009, *O diário do camaleão*. Já no primeiro tiro mostra as suas qualidades:

uma poesia forte, sonora, com rimas certeiras, sem gordura, boa de ser lida em público, excelente para se levar para casa. E não fica só na beleza, na técnica e na forma, tem conteúdo, nos bota para pensar e crescer. Não poderia ser diferente, Marcelo é uma pessoa íntegra, sensível, conectado ao mundo em que vive e sabedor da importância de não sermos mais um na paisagem, mas um ente atuante e transformador da realidade que nos cerca e tanto nos incomoda. Em *Máquina mundi*, vemos um poeta seguro, mais malandro, que sabe exatamente o que faz, conhecedor que é de sua voz, força e papel. Estejam preparados, leitores, poesia não é só prazer, tem magia e poder de nos transformar em alguém melhor.

Luiz Fernando Prôa, poeta, escritor e editor de cultura na *Web*

A máquina como espaço em que se desenrola a vida. A tela como acesso e a imagem como verdade. O olho que tudo vê e controla há muito não se refere a Deus, e a ficção recheia nossos dias com seus efeitos de realidade. É disso que fala Marcelo em seu novo livro, *Máquina mundi*: de um mundo artificial, de aparência festiva e relações efêmeras, onde o “lugar quentinho” é o de fora, o da superficialidade. E é desse lugar que talvez consiga nos tirar com suas palavras firmes e de combinação bem articulada, com seu convite à profundidade. Que seu mergulho no livro, caro leitor, seja bom como foi o meu.

Ana Beatriz Manier, tradutora e escritora

Li e reli seu livro, devorei cada poema. Delicados, fortes, abusados, comoventes, marcantes, tudo - e um pouco mais - ao mesmo tempo. Poemas que grudam na gente e ficam fazendo eco. Vontade de ter escrito, antes, alguns que mandaram a mensagem direta, o papo reto. Bateram na mente e fizeram mudanças significativas. E esses os quero pertencentes à minha galeria favoritada por excelência. Cada um carregando seu peso, saborosos e leves, densos e pesados, mas todos, sem exceção, de qualidade indiscutível. O melhor livro de poemas dentre os que li nesses primeiros meses do ano!

Parabéns, menino poeta, a sua estrada será sempre pontilhada da poesia, iluminada e salvadora, refúgio e toca - nunca solitária, pois: "sempre entrego a quem quero/ meus segredos, senhas e chaves. / Todos os meus espelhos são feitos de carne." Evoé, poeta!

Elza Fraga, poeta e escritora

Ter contato com a poesia de Marcelo Mourão é como tocar o sentimento humano, mas também investir-se de pensamento crítico, que nos faz perceber o mundo de maneira sensível e profunda. É essa visão que tenho desde a primeira leitura de seus escritos. Foi assim em *O diário do camaleão*, em que MM faz um expurgo emocional, lava a palavra sentida e expõe todo seu lirismo, sem deixar de nos conectar com o mundo real. A poesia de MM mais uma vez nos chama à reflexão. Se antes nos tocou a alma, agora nos corta a carne e a mente com *Máquina mundi*. Parece desnudar o ser em seu primitivo, mostrando aquilo que se transformou o seu caminhar “evolutivo”. Atravessa a linha do tempo com a máquina que antes controlava, passando a ser controlado, tornando-se prisioneiro da sua própria invenção. Enfim, *Máquina mundi* é um convite ao retorno, diante da constatação do caos humano em que o mundo atual se transformou. Que a poesia de Marcelo Mourão nos ajude a tornar a máquina mais humana.

Iara Caldwell, poeta, cronista e contista

Ler Marcelo Mourão é um banho de encantamento. O discorrer espontâneo de seus versos em *O diário do camaleão* me fez, muito mais que voejar pelas facetas de um eu poético camaleônico, colocar a minha máscara de leitor atento que se identificou com seus versos. Em *Máquina mundi*, continuamos firmes nesse voejar. O livro é repleto de poemas marcados por uma dinâmica fluente que, por muitas vezes, foge do verso como

unidade rítmico-formal, mas, ainda assim, cheios de um lirismo instigante. Verdadeiro desfile entre veredas e atalhos, criados, talvez, pelo poeta, talvez pelo eu-lírico, quiçá por seu companheiro de viagem: o leitor. A literatura brasileira e os leitores ganham mais uma obra de imenso valor.

Clau Assi, poeta e professora de língua portuguesa

Sem dúvida, nesse novo e pulsante trabalho, o jovem poeta Marcelo Mourão, se não se mostra cético, dá a seus textos o transparente sentimento de desencanto diante do que entendemos por pós-modernidade. Na abordagem da nossa vida no mundo de hoje com as suas máquinas, com as profundas e conhecidas alterações (para pior) que se observam na qualidade de vida dos humanos: suas moradias são muito belas, mas eles vivem “cercados por muros e grades por todos os lados” e são “todos prisioneiros muito mais em si mesmos do que nessa cela que eles costumam chamar de abrigo ou casa”, para nos restringirmos ao seu belíssimo poema “Caverna pós-moderna”. É, no entanto, um tema que não se esgota. Por se achar intrinsecamente ligado à vida do homem pós-moderno. Uma poética dessa natureza, aparentemente presa à problemática social, na verdade a transcende. Na medida em que dialoga o tempo todo com o espírito.

Aluizio Rezende, escritor e poeta

Marcelo Mourão é um poeta jovem que, de uma forma rara, tem seu próprio estilo, ao ponto de, quem conhecer o seu trabalho saber exatamente que determinado poema é seu. Marcelo Mourão fala de todos os assuntos e engloba a maioria da problemática atual, indo do pós-modernismo ao eterno romantismo. Sua vasta cultura abrange toda a sua arte, não tendo em nada do que faz algo que se diga que lembre algum outro poeta, contemporâneo ou não. Esse é o poeta Marcelo Mourão. Único. Vamos nos deliciar com as pérolas que brotam da sua inspiração.

LirÓ CarneirO, poeta

“E, assim, olhos espreitam, surgem, dão botes feito cobras. / E, assim, mil olhos vão se clonando e, quanto mais, melhor. / E assim caminha a humanidade: acompanhada e só.” Esses versos – que findam o poema “O olho de ferro”, um dos primeiros dessa admirável *Máquina mundi*, do escritor e artista multifacetado Marcelo Mourão – já dão ao leitor o prenúncio do propósito dessa instigante obra: desconstruir o cartesianismo em poesia. A subversão promovida pelo poeta traduz-se numa escrita densa, fortemente preñe de alegorias e composições imagéticas, seja na forma do poema discursivo ou da poesia visual. Uma jornada que, para além das fronteiras da pura razão, se realiza num campo vulcânico de signos, símbolos, códigos e vernáculos que descortinam ante os olhos do leitor não o reino das certezas, mas, sim, o mundo platônico da dúvida, do real versus aparências, numa desconstrução reveladora da disparidade que há entre o que É e o que aparenta SER. Marcelo Mourão, em *Máquina mundi*, faz da escrita um ato lúcido/lúdico de subversão que reluz a mais pura arte. Ao criar esse universo poético vivo, orgânico e pulsante, o autor desperta no leitor a percepção de que o homem, ao criar a máquina, não deve renunciar aos atributos do que é humano; de que, também, não podemos esquecer a nossa relação com a natureza, sobretudo, que somos parte íntima e orgânica dela. Belo livro. Boa leitura!

Wanda Monteiro, escritora e poeta

OS ENGENHOS DE DENTRO DE MARCELO MOURÃO

Apresento-lhes Marcelo Mourão. Um jovem professor universitário, da área de Letras, que se aventura nas águas convulsas da poesia. Saiu-se bem no primeiro livro – *O diário do camaleão* – com o diapasão voltado para a poesia discursiva e os

minipoemas. Vem agora o segundo livro, muito material trabalhado, maior diversificação poética (incluindo poemas visuais), grande impulso criativo: *Máquina Mundi* é dividido em 5 partes: "A máquina do mundo ou o mundo da máquina", "As engrenagens de Eros", "Os mecanismos poéticos", "Os engenhos de dentro" e "A máquina de interrogações".

A obra começa com a "Parábola da evolução humana", poema visual projetado quadro a quadro horizontalmente. Nesta 1ª parte, gosto especialmente de "Blindados" pela síntese, ainda que discursivamente: "Quem se lembra ainda daqueles tempos idos/ em que havia poucos muros, grades e redes? / As paredes até podiam ter ouvidos, / mas os ouvidos não tinham tantas paredes." Ou de "Rede social" em que as palavras "stop" e "post" se deparam e se explicam entre dois pontos.

Marcelo utiliza bem os recursos poéticos, notadamente a intertextualidade, quando se aproxima de poetas de grande porte do Modernismo como Drummond ou Cassiano Ricardo. "No reino da pós-modernidade" nos lembra as sonoridades de Cassiano em *Jeremias sem-chorar*: "Na net, com o planeta me conecto:/ vejo a Terra passar em minha tela. / Tudo tão perto quando abro janelas. / Navego sentado, passivo e quieto/ (e a solidão continua um espectro)." (...) Não deixa escapar o poético, em "O fio de Ariadne", todo ele articulado adequadamente, e que termina assim: "Mesmo que o mundo todo desabe/ e não sobre pedra sobre pedra, / olhe suas mãos, o chão que ficou/ e a vida ainda viva além da janela."

Na segunda parte do livro – As engrenagens de Eros – Mourão também atinge pontos positivos como em "Vapt-vupt", ao assimilar a linguagem da periferia, carregada do social: "as mina pira/ os mano come/ as mina pari/ os mano some". Retorna a Drummond, em "Poliamor" para concretizar a sua "novíssima quadrilha", ou volta à visualidade no bem realizado "Biclock". Raros momentos de puro lirismo, Marcelo deixa escapar em "Primeiro amor": "Eu escrevi o nome dela/ com o leve do azul do céu". E os amplia com "Convicção": "Ninguém traz seu amor, / em três dias de volta. / Amor de verdade/ não sai por qualquer porta."

Dos poemas não-discursivos, o efeito mais bem concretizado graficamente é "A lâmina do machado", em que os versos se transformam em sintagmas visuais para formar um todo que conduz à temática pretendida pelo autor.

Por fim, gostaria de comentar sobre "As quatro estações da alma". São 4 minipoemas de equilibrado poder sugestivo e musicalidade envolvente.

Por tudo isso, considero *Máquina Mundi* como um bom exemplo de que pelo menos alguns poetas das novas gerações prosseguem na busca de caminhos para a poesia brasileira, e este livro de Marcelo Mourão é uma prova concreta disso. **Joaquim Branco**, poeta e crítico

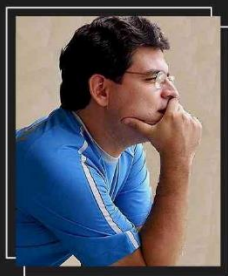
ÍNDICE

Orelha (por Tchello d' Barros)	2
Prefácio 1 (por Leila Miccolis)	8
Prefácio 2 (por José Henrique Calazans)	11

POEMAS:

1. Parábola da evolução humana	18
2. Caverna pós-moderna	19
3. O olho de ferro	20
4. Miragem	21
5. Saco de pancada	22
6. Lado B lado A	23
7. Blindados	24
8. Intercomunicação	25
9. Rede social	26
10. No universo da Pós-modernidade	27
11. Roda-viva	28
12. Oz por nós	29
13. Admirável mundo novo	30
14. Má-fé	31
15. Cerco fechado	32
16. Eis a questão	33
17. Claustro	34
18. Tragicomédia	35
19. A sagumana no solo de Gaia	36
20. O fio de Ariadne	37
21. Identidade	39
22. Amor	40
23. Amor líquido	41
24. Amorderno 1	42
25. Amorderno 2	42
26. Vapt-vupt	43
27. Poliamor	44
28. Biclock	45
29. Relação	46
30. Primeiro amor	47
31. À deriva	48
32. Descompasso	49
33. Faltaflita	50
34. Convicção	51
35. Sentimenso	52
36. Memorabilia	53
37. Desconstrução	54
38. Nós em nós	55
39. Senti sem ti	56
40. Aglutinação	57

41. Simulacros	58
42. Só o que importa	59
43. Corda bamba	61
44. Sina que assino	62
45. Para sempre	63
46. Confissão de <i>affair</i>	64
47. Ficantes	64
48. Tudenada	65
49. Náufrago	66
50. Viva a poesia	67
51. Aviso	69
52. Nem freud explica	70
53. Heróis de vitrine	71
54. Sum	72
55. Poeminha narcísico	73
56. Marcha marcada	74
57. Egotrip	75
58. A lâmina do machado	76
59. Eu	77
60. Outono	78
61. Inverno	78
62. Primavera	78
63. Verão	78
64. Mina sem mapa	79
65. Implosão	80
66. Outonal	81
67. Boomerang	82
68. Get up!	84
69. Pedra filosofal	85
70. Moto-contínuo	86
71. Religare	87
72. Tráfego	88
73. Velha conclusão	89
74. A força da foice	90
75. Now!	91
76. Prisão de dentro	92
77. Fim?	93
78. Testamento	94
79. Desconfiômetro	95
80. A chama da vela	96
Fortuna crítica	97



Marcelo Mourão é professor graduado em Letras (Língua portuguesa e Literatura) e pós-graduado em Literaturas de língua portuguesa. É também poeta, escritor, crítico literário e produtor cultural. Nasceu no bairro do Engenho de Dentro, subúrbio do Rio de Janeiro, e começou a fazer poesia em 1989.

De 1993 a 1998, cursou História no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ.

Desde 2007, participa do movimento artístico carioca e de vários eventos, shows, antologias e agitos literários dentro e fora da internet.

Foi um dos idealizadores e apresentadores do sarau POLEM (Poesia no Leme), de 2008 até 2011.

Anteriormente, lançou dois livros: *O diário do camaleão*, seu primeiro de poemas, em 2009, e *Temas em literaturas de língua portuguesa: os diferentes olhares*, sua obra de estreia dentro da área de crítica literária, em 2015.

Tem um romance inédito e outro em elaboração.

